

**ESCOLHA DA PROFISSÃO E TRABALHO DOS PROFESSORES: UMA LEITURA
A PARTIR DE ALGUNS DISCURSOS**

**CHOICE OF PROFESSION AND WORK OF TEACHERS: A READING FROM
SOME SPEECHES**

Bruna Pereira Alves

brualves_22@yahoo.com.br

Liliana Soares Ferreira

anailiferreira@yahoo.com.br

RESUMO. Apresenta-se neste artigo uma investigação realizada com acadêmicos do 8º semestre do Curso de Pedagogia, de uma Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2008 e 2009. Nesta investigação trabalhou-se com as categorias: ser professor, trabalho dos professores e escolha da profissão. Utilizou-se uma abordagem qualitativa, tendo como procedimento metodológico o Estudo de Caso e realizando entrevistas semi-estruturadas. Ao analisar as entrevistas, percebeu-se, nos discursos dos acadêmicos, como o processo de escolha da profissão influenciou em seu trabalho como professores. Por fim, ao concluir a investigação, foi possível ter uma maior compreensão de como o trabalho dos professores e a escolha profissional são vistos pelos entrevistados e qual a relação que estabeleceram entre ambos.

PALAVRAS-CHAVE: Professores, Profissão, Trabalho.

ABSTRACT. It is presented in this article an investigation carried out with academics from the 8th semester of the Course of Pedagogy of an University of Rio Grande do Sul, in 2008 and 2009. This research worked with the categories: becoming a teacher, teachers' work and choice of profession. We used a qualitative approach, with the methodological procedure the case study and conducting semi-structured interviews. When analyzing the interviews, it is understood in the academic discourse, as the process of choice of profession influenced in their work as teachers. Finally, to complete the investigation, could have a better understanding of how the work of teachers and career choice are seen by the interviewees and what the relationship established between them.

KEY-WORDS: Teacher, Profession, Work.

Introdução

Este artigo apresenta uma investigação realizada nos anos de 2008 e 2009, pensando entender melhor algumas questões sobre o trabalho dos professores e a escolha da profissão do ponto de vista de alguns acadêmicos do Curso de Pedagogia de uma Universidade Federal do interior do Rio Grande do Sul.

Esta pesquisa foi planejada e desenvolvida a partir de estudos e participação no Kairós - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho, Políticas Públicas e Educação, que desenvolve projetos com o apoio PIBIC/Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e FIPE Júnior da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), além de ser Pólo/RS do HISTEDBR e integrar esta rede de pesquisa. O Grupo realiza estudos, pesquisas e trabalhos conjuntamente, tendo como coordenadora a Prof. Dra. Liliana Soares Ferreira.

Além desta grande influência dos estudos realizados no grupo de pesquisa Kairós, questionava-se: O que é ser professor? Qual o efetivo trabalho dos professores? Como o modo como aconteceu a escolha profissional dos acadêmicos do Curso de Pedagogia pode interferir no trabalho desses como professores?

O interesse por saber mais a respeito do trabalho dos professores e da relação deste com o modo como acontecem as escolhas profissionais foram, também, motivo para concretizar esta pesquisa, para aprofundar melhor este assunto e buscar respostas para as perguntas acima apresentadas.

Nesta investigação as categorias *ser professor*, *trabalho dos professores* e *escolha da profissão* deram origem aos questionamentos e à investigação como um todo, originando as perguntas feitas aos entrevistados, a análise e as reflexões.

Portanto, expressa-se aqui o resultado de uma investigação que entrelaça as respostas dos acadêmicos formados no Curso de Pedagogia no 2º semestre de 2008 sobre ser professor, o trabalho dos professores e a escolha profissional; com reflexões embasadas em alguns autores, o que auxiliou e enriqueceu o processo de análise.

Caminhos percorridos

Considerando o atual contexto da educação, as experiências em um Curso de Licenciatura em Pedagogia e pensando nos problemas que a educação tem enfrentado, principalmente quanto à "qualidade" do ensino e à formação¹ dos professores, questionou-se: Como os(as) acadêmicos(as) do 8º semestre do Curso de Pedagogia (diurno) de uma Universidade Federal do interior do Rio Grande do Sul, em seus discursos, relacionam a escolha da profissão ao seu trabalho como professores? Buscando respostas para esta problematização foi estabelecido como objetivo geral pesquisar sobre como a escolha da profissão está relacionada ao trabalho dos professores nos discursos dos acadêmicos entrevistados.

No empenho por solucionar o problema apresentado, utilizou-se uma abordagem qualitativa, acreditando que esta responde melhor ao que se propôs realizar. Não se pretendia quantificar, apenas enfatizar e comparar dados. Buscava-se refletir sobre os dados coletados de forma a considerar e questionar hipóteses sobre os motivos pelos quais se chegou a tal resultado, relacionando-o, ainda, aos sujeitos da pesquisa. Assim, pensando neste tipo de abordagem, percebe-se em Chizzoti que:

O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado isolado e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 2006, p. 79).

Com esta afirmação de Chizzoti (2006), constata-se a importância de se considerar os sujeitos da pesquisa e, não, somente os dados obtidos. Uma teoria por si só, ou respostas soltas, não têm a mesma significação que a análise e

1 Quando menciona-se "formação" ou "formação acadêmica em Pedagogia" refere-se aos estudantes que estão **cursando** ou **concluindo** o Curso de Pedagogia. Não é feito, em momento algum, relação com a questão de formar analisando o radical "form-", "pôr em forma-", "modelar-". Associa-se "formar-se" em um Curso de Graduação com **concluir o Curso**, quem vai fazer formatura.

observação dos sujeitos sobre seus discursos, considerando o contexto em que se apresentam e vivenciam a experiência relatada, já que no discurso dos entrevistados está muito do que eles vivenciam em seu cotidiano, sendo importante, então, conhecê-lo.

Além disso, como procedimento metodológico, utilizou-se o Estudo de Caso, entendendo-o como pesquisa sobre o fenômeno em seu contexto real. Como relatado acima, é importante conhecer o contexto em que os sujeitos da pesquisa vivenciaram suas experiências (neste caso, experiências acadêmicas) para melhor compreendê-los e dar mais fidedignidade à análise realizada. O Estudo de Caso tem como objetivo [a.] apresentar os múltiplos aspectos que envolvem um problema, mostrar sua relevância, situá-lo no contexto em que acontecem e indicar as possibilidades de ação para modificá-lo+ (CHIZZOTTI, 2006, p. 103). Assim, o Estudo de Caso possibilita um contato maior entre entrevistador e entrevistado, tornando o último, interlocutor da pesquisa e, não, mero fornecedor de dados, enfatizando o contexto em que os entrevistados se encontram e buscando refletir sobre os problemas apresentados.

Como técnica, neste processo metodológico, para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, a partir de algumas questões que podem ser reformuladas ou complementadas no decorrer das entrevistas, não sendo, portanto, fixas e imutáveis. Para tal, escolheram-se algumas categorias (escolha da profissão, ser professor e trabalho dos professores) para a formulação das perguntas e análise posterior. Trabalhou-se com oito (8) entrevistados, de ambos os sexos, que cursavam o 8º semestre do Curso de Pedagogia diurno, que já estavam frequentando as Instituições escolares em turmas de Educação Infantil e Anos Iniciais como estagiários.

É relevante destacar que todas as entrevistas foram gravadas e transcritas, fazendo com que informações importantes não se perdessem e, que se mantivesse com maior rigor possível, no intuito de privilegiar a veracidade e os sentidos das respostas dadas a cada pergunta.

Além disso, por trabalhar com o discurso de oito acadêmicos do Curso de Pedagogia, sendo estes, uma parcela reduzida do total de estudantes do Curso, ressalta-se que a análise apresentada não generaliza a opinião destes entrevistados

como sendo defendida por todos os estudantes do Curso, mesmo assim, considera-se de extrema relevância cada discurso aqui exposto.

É importante destacar ainda que a entrevista aconteceu como momento de interação entre entrevistador e entrevistado, tentando desmistificar questões de relação de poder geralmente presentes, buscando ao máximo, igualdade no diálogo (SZYMANSKI; ALMEIDA; PRANDINI, 2004). A entrevista é um momento de diálogo entre entrevistador e interlocutor, acrescentando à análise, se necessário, outros pontos importantes que possam ter aparecido no decorrer da entrevista e, que não estavam previstos. Assim, com as entrevistas, pretendeu-se, através da análise dos discursos dos interlocutores, buscar informações sobre o trabalho dos professores e sua trajetória acadêmica, tentando formular respostas para possível solução da problematização apresentada.

Esta análise dos dados, que teve por objetivo propor uma explicação do conjunto de dados reunidos a partir de uma conceitualização da realidade percebida ou observada (CHIZZOTTI, 2006, p. 69), foi feita através da análise de conteúdo, sendo esta, considerada

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável [...] (BARDIN, 2006, p. 27).

Complementando, Chizzotti (2006) afirma que esta análise tem como objetivo compreender criticamente os sentidos das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas (CHIZZOTTI, 2006, p. 98). Assim, após as entrevistas, em sua análise, buscou-se elementos importantes que pudessem ser utilizados pensando os objetivos da pesquisa e a resolução da problemática, analisando além do conteúdo explícito nas mensagens, o conteúdo oculto, o que está nas entrelinhas, constituindo-se o processo de interpretação que, segundo Bardin (2006), significa buscar a compreensão das categorias, indo além do aparente (BARDIN, 2006).

Portanto, seguindo o caminho metodológico aqui relatado pretendeu-se

efetivar a pesquisa da melhor forma possível, buscando alcançar os objetivos propostos, refletir sobre a problematização e apresentar considerações significativas sobre o tema em questão.

O que é o ser professor e o trabalho dos professores? Algumas reflexões

Muitos acadêmicos que frequentam distintos cursos de licenciatura se questionam sobre o que realmente serão? Dizer que serão professores não exprime muitos sentidos. Afinal, o que significa isso? Não é fácil explicar o que é ser professor, não existe um conceito pronto que possa apenas ser exposto como correto e inquestionável, porém, apresentam-se aqui alguns apontamentos que podem caracterizar o ser professor, tentando afastar a imagem de professor detentor do conhecimento, entendendo que

A concepção do professor como proprietário da aula, como dono do saber e do conhecimento fez parte da imagem construída ao longo de muitas décadas. A inquestionabilidade da centralidade do professor no processo de ensino e aprendizagem é a herança maior da escola tradicional. Ser detentor do saber, senhor das regras e os procedimentos se constituía em parte essencial da definição do ser professor (NOGARO, 2002, p. 246).

Contudo, defende-se aqui a necessidade de os professores construírem aulas com os estudantes, valorizarem e precisarem da opinião dos estudantes para que a aula funcione. Inicialmente, é preciso entender, que ser professor(a) é uma tarefa difícil. Professores trabalham com pessoas que têm sentimentos, opiniões e atitudes distintas, e é preciso mais do que vocação, mais do que cuidar para ser professor(a), é necessário se entregar à profissão e não separar a sua vida dela. É além do ensinar, é aprender com os estudantes. Não se é professor somente quando se está dentro de uma sala de aula. Os professores não deixam de ser professores ao sair do ambiente escolar, eles não conseguem deixar na sala de aula os problemas da escola e dos estudantes, pelo contrário, eles são professores sempre. Os professores não conseguem separar sua vida pessoal da profissional, eles são tudo

isso junto; não são somente profissionais que atuam na educação, eles não são somente professores, eles estão professores, eles sentem-se professores. Pode-se dizer ainda que

[...] Ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para encarar as situações ambíguas, incertas, conflituosas e, por vezes, violentas, presentes nos contextos escolares e não escolares. É da natureza da atividade docente proceder à mediação reflexiva e crítica entre as transformações sociais concretas e a formação humana dos alunos, questionando os modos de pensar, sentir, agir, e de produzir e distribuir conhecimentos (PIMENTA; LIMA, 2004, pg. 15).

Ficando um pouco mais claro o ser professor - entendendo-o como profissional que não trabalha com materiais mortos, eletrônicos ou abstratos, mas que trabalha com pessoas críticas, com seres pensantes, de opiniões próprias e sentimentos, e, que quando se decide ser professor opta-se por tê-lo em tempo integral, por estar professor - é possível agora iniciar outro dilema: Qual é o trabalho dos professores? Muitos são os conceitos de trabalho dos professores: mediar, transmitir, construir, cuidar, educar dentre outros.

No entanto, defende-se aqui que o trabalho dos professores seja entendido como a produção da aula e, nesta, a produção do conhecimento² dos estudantes e professores. O trabalho dos professores deveria acontecer em uma ação conjunta entre professores e estudantes, em que a integração é essencial, já que para a produção do conhecimento acontecer é necessário fazê-lo através de diálogos e discussões, ou seja, através da linguagem, das socializações de informações que acontecerão na aula. O professor não é inquestionável na sala de aula, seu diálogo com os estudantes faz com que momentos de produção do conhecimento realmente aconteçam.

Em relação ao ambiente em que este trabalho acontece, a escola, sabe-se

2 Quando se menciona produção do conhecimento trata-se da produção do conhecimento dos estudantes e dos professores em um processo de aprender de ambos durante a aula, utilizando o diálogo, a linguagem como instrumento, ou seja, utilizando produção como sinônimo de apropriação do que ainda não era conhecido.

que os professores estão cercados por influências de outros professores, direção, pais, funcionários, estudantes, e que seu trabalho nunca estará isolado deste contexto de culturas distintas e diversificadas. Assim, a escola pode ser vista como [o local onde se produzem conhecimentos e onde se convive com a pluralidade cultural. Da mesma forma, é um dos espaços sociais para convivência e para a produção da cultura+(FERREIRA, 2007, p. 7).

O trabalho dos professores, assim, é a produção do conhecimento, seu e dos estudantes, é a produção da aula, tendo a linguagem como matéria prima para o seu trabalho (FERREIRA, 2007). É através do diálogo, da linguagem, que estudantes e professores irão trabalhar, produzindo a aula e aprendendo. Na produção da aula, por sua vez, está o planejamento, a aula em si, o avaliar e a produção do conhecimento, estando presentes os conhecimentos prévios dos estudantes, a produção do conhecimento novo e a sistematização, fazendo com que a aula não fique fragmentada e sem sentido. Não se acredita em avaliações que são torturas para os estudantes, que os fazem decorar fórmulas, conceitos e dados. Esta concepção

[...] que defende o professor como absoluto no processo pedagógico está relacionada a um currículo gradeado e a uma visão de avaliação voltada para selecionar, aprovar ou reprovar em função do domínio de competências pré-definidas. O professor é o responsável por colher o que plantou no seu quintal, se atuar tecnicamente obterá o resultado, produto final do processo de ensino (NOGARO, 2002, p. 246).

Defende-se aqui aulas que têm como base a linguagem, a interação, o envolvimento dos estudantes nas propostas, pois, se a aula é centrada nos professores ou em técnicas, não há produção do conhecimento. A aula não existe somente com os professores ou somente com os estudantes, ela é o resultado de um trabalho conjunto entre ambos. A responsabilidade sobre a aula e por o estudante aprender é, 50% dos professores e 50% dos estudantes, em que cada um tem em sua participação uma grande contribuição para que a aula se concretize. Sendo assim, reforça-se a idéia de que aulas em que os professores são o centro do processo e em que os estudantes são meros coadjuvantes não têm o mesmo

resultado que aulas produzidas no coletivo, em que os estudantes não estão apenas ouvindo e escrevendo, mas participando, opinando, aprendendo e ensinando.

Nesta perspectiva de aulas centradas na produção do conhecimento, refletindo agora sobre o planejamento destas aulas, percebe-se que este vai contra os exercícios, que não deixam o estudante pensar, que são repetições mecânicas baseadas na memorização, fazendo com que o estudante não produza conhecimento. O planejamento deveria objetivar a produção do conhecimento do estudante, sendo necessário, para que isso aconteça, que ele possa participar da aula, possa agir no realizar as atividades propostas, possa ter voz. Sendo assim, na aula, é importante a realização de atividades e não de exercícios, para que os estudantes se envolvam por inteiro, em que o lúdico faça parte do cotidiano, em que o real se torne presente, em que o estudante produza conhecimento. Porém, para que tudo isso aconteça, também é necessário que os professores tenham conhecimento sobre o que estarão apresentando aos estudantes, pois, sem a sua compreensão, eles não conseguirão fazer com que o objetivo da aula, produzir conhecimento, seja alcançado.

É importante, ainda, que os professores permaneçam pesquisadores e observadores constantes, reflitam sobre sua prática e renovem-se, até mesmo porque todo conhecimento é provisório e, não se renovar é não se permitir evoluir, é não permitir aos estudantes conhecimentos novos e atualizados, é não dar oportunidade para que eles tenham uma educação cada vez melhor.

Assim, é de extrema importância, que os professores se sintam professores, que eles se apropriem de sua prática e façam com que ela os caracterize, os complete; que os professores façam o seu trabalho como professores estar diretamente ligado ao resto de suas vidas, sendo tudo um só, lembrando que eles influenciam diretamente na vida e no futuro dos estudantes.

Contextualizando a pesquisa

Reitera-se que se acredita que o trabalho dos professores é a produção da

aula e, nela, a produção do conhecimento de estudantes e professores, pois os professores também estão em constante aprender. Foi nesta perspectiva a análise das entrevistas dos acadêmicos do 8º semestre, percebendo como eles analisavam seu trabalho, como se viam como profissionais.

Refletindo sobre o que se discutiu anteriormente sobre o trabalho dos professores e o ser professor, percebe-se os professores de pontos de vista distintos. Os professores são vistos por alguns como mediadores, por outros como trabalhadores, ou até transmissores de conhecimentos, mas pouco se ouviu falar dos professores que produzem, inclusive, quando se questiona os próprios professores e os futuros professores. Além disso, percebe-se que muitos professores ainda são reprodutores. Como diz Papi (2005), “[...] a classe docente muitas vezes demonstra uma prática passiva, mecânica, repetitiva, que não busca autonomia em suas ações” (PAPI, 2005, p. 09). Atitudes como as citadas por Papi explicam-se muitas vezes pela dificuldade de mudanças dentro do contexto da escola, pela falta de tempo para planejamentos, por comodismo, ou, até mesmo, por uma tentativa frustrada de mudança.

Ser professor não é apenas entrar em uma sala de aula e passar conteúdos, nem mesmo copiá-los de um livro,

A profissionalização supõe envolvimento, responsabilização, iniciativa, engajamento profissional; implica trabalhar com colegas, desenvolver-se profissionalmente numa perspectiva de trabalho coletivo, ainda que, individualmente, cada profissional seja responsável por suas ações. É uma perspectiva que ultrapassa os limites dos conteúdos a ensinar (PAPI, 2005, p. 10).

Ser professor é, com interesse e responsabilidade, desenvolver um trabalho produtivo com os estudantes, em que a aula seja, realmente, momento de produção.

Quando se questionou sobre o que os estudantes que participaram da pesquisa acreditavam ser o seu trabalho, as respostas foram distintas, mas percebeu-se que os/as acadêmicos(as) referem-se, em sua maioria, apenas aos estudantes e, não, a eles próprios. O trabalho dos professores é a produção da aula e do conhecimento, mas não se pode esquecer que esse conhecimento também é

produzido pelos professores e, não, somente pelos estudantes. Além disso, a questão de sobrecarregar os professores com diversas responsabilidades está muito presente nas respostas dos acadêmicos.

Assim, algumas características do trabalho dos professores que apareceram nas respostas dos entrevistados foram:

a) *mais do que passar conteúdo* – A acadêmica A diz que seu trabalho é *mais do que dar aula e passar conteúdo [...] é ser mãe, tia, amiga* (Acadêmica A). Percebe-se no discurso dessa acadêmica que ela tenta se distanciar das questões tradicionais de aula, em que os professores apenas *passam o conteúdo*, dizendo que o trabalho dos professores vai além disso. Porém, afirma que ser professor é ser mãe, tia e amiga, direcionando ao professor mais uma responsabilidade. Segundo Pimenta e Lima (2004),

Na sociedade brasileira contemporânea novas exigências são acrescentadas ao trabalho dos professores. Com o colapso das velhas certezas morais, cobra-se deles que cumpram funções da família e de outras instâncias sociais; que respondam à necessidade de afeto dos alunos; que resolvam os problemas da violência, da droga e da indisciplina; que preparem melhor os alunos para as áreas de matemática, de ciências e tecnologia para colocá-los em melhores condições de enfrentar a competitividade; que restaurem a importância dos conhecimentos e a perda da credibilidade das certezas científicas; que sejam os regeneradores das culturas/identidades perdidas com as desigualdades/diferenças culturais; que gerenciem as escolas com parcimônia: que trabalhem coletivamente em escolas com horários cada vez mais reduzidos [...] (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 14).

Esta afirmação complementa a fala da Acadêmica A, expondo abertamente o que, muitas vezes, é apresentado como trabalho dos professores. Será que o trabalho dos professores pode ser visto também como uma continuidade da família, em que designam aos professores também ser tia, tio, mãe ou pai? Será que se está *transferindo* as responsabilidades da família e da sociedade em geral também para os professores, que além da produção do conhecimento têm que ensinar bons modos, como se preparar para mercado de trabalho, como enfrentar os desafios que

aparecerão em suas vidas? Ensinar envolve muito estudo, preparo, vivência, dedicação, envolvimento com os estudantes. Como diz Paulo Freire em *Professora sim, tia não+*, ser tia pode significar apenas ter relação de parentesco com alguém. (FREIRE, 1997). Assim, sem subestimar o trabalho da família ou o dos professores, é necessário se pensar nas distinções existentes entre eles e designar a cada um sua função, não sobrecarregando ninguém e não deixando de assumir suas responsabilidades.

b) mediação: Como dito anteriormente, os professores também são vistos como mediadores: Nessa perspectiva, o trabalho dos professores *é* mediar conhecimentos, oportunizar diferentes linguagens+ (Acadêmica C). Porém, questiona-se: é possível que os professores sejam somente mediadores? Será que apenas com a mediação dos professores os estudantes vão produzir conhecimento?

[...] Muitas vezes nossos alunos aprendem conosco nos observando, imitando, mas também elaborando seu próprio modo de ser a partir da análise crítica do nosso modo de ser. Nesse processo escolhem, separam aquilo que consideram adequado, acrescentam novos modos, adaptando-se aos contextos nos quais se encontram. Para isso, lançam mão de suas experiências e dos saberes que adquiriram (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 35).

Sabe-se que quando os professores mediam a aula eles instigam os estudantes, os provocam, os fazem pensar e produzir conhecimento. Porém, o trabalho dos professores não é somente mediar. Muitas vezes, os estudantes aprendem pelo exemplo e pela interação, sem propriamente uma mediação dos professores. A mediação realmente faz parte do trabalho dos professores, mas ela é apenas uma parte. O trabalho dos professores envolve ainda: além da produção da aula e a produção do conhecimento já explicitado outras vezes, *é* recriação do mundo, resgate da alegria, da auto-estima, da interação, lembrando sempre que se ensina também pelo exemplo [...]+(FERREIRA, 2007, p. 08).

c) cuidar e educar: A questão do educar e cuidar aparece nas respostas de dois acadêmicos (B e F). Os entrevistados afirmam que o trabalho dos professores é cuidar, principalmente na Educação Infantil.

Esta questão do cuidar ainda está muito presente nas instituições de Educação Infantil e nos discursos dos professores sobre seu trabalho com crianças menores. Até que ponto o cuidar interfere no *real* trabalho dos professores? A produção da aula e do conhecimento está acontecendo, ou tem-se privilegiado o cuidado? Existe uma tendência à prática do assistencialismo, que parece estar impregnado na Educação Infantil, até porque, por muito tempo, matricular crianças em pré-escolas ou creches dava-se principalmente para mantê-las seguras e cuidadas enquanto os pais iam para o trabalho. O cuidado com os pequenos existe, precisa existir, mas este cuidar deveria estar implícito no trabalho dos professores e, não, simplesmente, o trabalho dos professores se resumir ao cuidar.

d) *construir conhecimentos/ construir conceitos e atitudes*: Uma acadêmica afirma que o trabalho dos professores é a *construção de conhecimentos*, outra, diz ser a *construção de conceitos e atitudes*. Ambas, ao explicar o trabalho dos professores remetem-se ao construtivismo³, saindo das questões tradicionais em que os professores são o centro da aula, em que se diz acontecer a *transmissão* de conhecimentos. Porém, uma delas não fala diretamente sobre o conhecimento dos estudantes, apenas dos conceitos e atitudes. Será que construir conceitos e atitudes significa aprender, produzir conhecimento? Os estudantes produzem mais que conceitos em sala de aula, a aula é um momento de, entre outras coisas, ser espaço para que eles realmente consigam compreender certas informações e produzir sentidos para si, produzir conhecimentos.

e) *levar os alunos a pensar e refletir*: O Acadêmico E afirma que o professor tem um papel social, que o trabalho dos professores *é* participar ativamente da formação humana, [...] dos conhecimentos dos seus alunos, [...] o professor é esse condutor, que conduz esse processo e problematiza as coisas e leva os alunos a pensarem e a refletirem+(Acadêmico E).

Ao contrário de algumas aulas em que os professores não dão espaço para os estudantes, em que os estudantes não têm voz, em que a aula é centrada no professor, é primordial, em uma aula, que os estudantes tenham o seu espaço, que possam opinar, participar, tirar suas próprias conclusões e, é sim, trabalho dos

3 O construtivismo pode ser entendido como a idéia de que *o* conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social [...](BECKER, 1994).

professores, fazer com que os estudantes reflitam por si só, objetivando a produção do conhecimento.

Acredita-se ser necessário pensar, também, o verbo *%levar+* utilizado pelo acadêmico em sua resposta. *%levar+* significa induzir, conduzir. Isso é possível quando se está falando de pensar? É possível que o professor conduza o estudante a pensar e refletir? Acredito que o professor possa estimular os estudantes instigando-os a querer entender algo, ou seja, a pensar.

f) *aprender e ensinar*: Esta última concepção do que é o trabalho dos professores, do ponto de vista de um dos acadêmicos do 8º semestre do Curso de Pedagogia que participou da pesquisa, é muito interessante. É possível perceber a inclusão dos professores no aprender, o que até então não aparecia nas respostas. Na maioria das vezes, os professores são vistos apenas como quem ensina, quem auxilia o estudante no aprender, porém, sabe-se que os professores também aprendem com os estudantes, com a aula, com os acontecimentos e discussões que surgem na escola. Não é possível que os professores apenas ensinem e os estudantes apenas aprendam, não se está trabalhando com robôs que obedecem e cumprem ordens, nem os professores e nem os estudantes são ausentes de sentimentos, vontades e manifestações.

Refletindo sobre todas estas questões sobre o trabalho dos professores do ponto de vista dos sujeitos da pesquisa, é interessante pensar também na escolha da profissão. Como os acadêmicos decidiram cursar Pedagogia e até que ponto o modo em que foi feita essa escolha interfere nos conceitos criados sobre o seu trabalho?

Dentro dos discursos é possível encontrar:

a) *quem ia %fazer+outro curso*: *%a.*] na realidade eu não ia fazer Pedagogia. Eu fiz vestibular pra Psicologia só que fiquei por quinze pontos [...](Acadêmica A).

Na verdade eu entrei no curso meio sem saber o que eu queria [...] minha idéia antes era fazer alguma coisa na área da comunicação, mas eu sabia que não teria condições de passar [...] e devido tá aumentando o mercado de trabalho pra educação, Pedagogia, daí eu fui fazer Pedagogia (Acadêmica B).

Não é de hoje que se ouve falar no grande número de estudantes que, após tentarem vestibular para o curso que queriam e, não passar, prestam vestibular para outro curso que consideram mais fácil de ser aprovado. Apesar de comum, muitos estudantes que fazem isso desistem no meio do curso por perceberem que realmente não é o que querem. Outros, mesmo percebendo isso, vão até o fim e concluem o Curso. Contudo, sabe-se que muitos estudantes descobrem-se na profissão dos seus sonhos no decorrer de um curso que não era o que queriam inicialmente, mas é interessante discutir agora sobre os acadêmicos que estão concluindo os cursos, mesmo sabendo que não querem seguir naquela profissão. Pensando no Curso de Pedagogia, em que se estuda para ser professor, me preocupa pensar em como serão as aulas de profissionais que não querem ser professores ou que não gostam de crianças. Acontecerá a produção da aula e do conhecimento, ou, muitas vezes, prevalecerá apenas a reprodução de conteúdos? Quais os impactos dessas aulas no aprendizado dos estudantes? Será que os futuros professores estão pensando nisso?

b) quem se interessava pelas questões da educação: [p.].] não foi objetivo de ser professora, mas foi isso da educação mesmo+ (Acadêmica C). Diferente do discurso anterior, percebe-se aqui um interesse pela área na qual a Pedagogia se insere, demonstrando um querer+maior relacionado ao Curso de Pedagogia.

c) quem se identificava com o Curso: [p.].] eu entrei na licenciatura de Educação Infantil, a princípio porque eu gostava de crianças e porque eu li a grade curricular do Curso no site e gostei das matérias que tinha, né? Pra ser estudado [...]+(Acadêmica H). É interessante perceber como esta acadêmica optou pelo Curso de Pedagogia. Nem todos procuram saber especificamente sobre os componentes curriculares antes do vestibular. Geralmente, sabe-se mais superficialmente sobre a profissão que se seguirá após a conclusão do curso.

Segue abaixo o discurso de uma acadêmica que diz ter excluído vários cursos até optar por Pedagogia, já que acreditava se identificar mais com este Curso.

[...] fui excluindo, excluindo, os primeiros da área da saúde e depois os da exata e fui excluindo e fiquei em dúvida entre educação especial e pedagogia [...] escolhi pedagogia porque

eu achei que, que eu me identificava mais do que educação especial [...] (Acadêmica D).

No momento em que os estudantes afirmam querer ser professores, se interessarem pelos assuntos do Curso, ou por achar que se identificam com o curso que escolheram, há a possibilidade de uma entrega e participação maior de si em cada momento que o Curso oferece, não significando que estes terão notas melhores ou farão os melhores trabalhos, mas que são os que poderiam se realizar mais facilmente no Curso. Geralmente, uma pessoa que está cursando Pedagogia porque seus pais querem ou, simplesmente, por fazer um curso de nível superior, não apresentará o mesmo interesse nas aulas e discussões do que alguém que realmente queria isto, afinal, ela está ali por outras pessoas ou por um diploma e, não, por sua satisfação ou realização profissional e, isso, faz muita diferença.

d) quem foi influenciado por alguém: %A minha mãe ela é professora [...] Não sei te dizer se foi uma influência direta dela, eu só sei que desde pequeno eu sempre gostei+ (Acadêmico G). Em muitas famílias percebe-se a influência na escolha da profissão dos filhos. Apesar de saber que muitos se realizam na profissão escolhida por seus familiares grande parte fica frustrada por muito tempo, realizando um trabalho que, para si, muitas vezes, é sinônimo de sacrifício. Outro acadêmico diz: %a.] inicialmente pela idéia do meu pai de fazer magistério [...] com o início das práticas do magistério é que eu fui vendo realmente que era o que eu imaginava e quando chegou a hora de decidir por um curso superior foi pedagogia [...]+(Acadêmico E).

Muitas vezes, os estudantes vêem em seu pai, mãe ou tia o espelho de profissional que querem ser, outras, os próprios parentes opinam na escolha da profissão destes. O que se percebe é que, com a imensa diversidade de cursos, os estudantes ficam realmente com muitas dúvidas e, como para solucioná-las vale tudo, a opinião de um familiar ou mesmo a admiração por este, faz com que o estudante faça escolhas que, muitas vezes, não são suas, mas desta outra pessoa. Esta escolha pode fazer com que o estudante se realize profissionalmente ou, pode frustrá-lo e não motivá-lo a trabalhar com interesse.

Assim, percebe-se como o modo como aconteceu a escolha da profissão de

professor pode influenciar no trabalho dos professores. É interessante observar que poucos realmente já se interessavam pelo Curso de Pedagogia, pelo ser professor, pelo ensinar ou por algo relacionado à área da educação, construindo seus conceitos de trabalho e o ser professor ao longo do Curso. Além disso, é possível analisar até que ponto cursar Pedagogia por não ter passado em outro curso do seu interesse, ou, simplesmente, por influência, pode influenciar no trabalho realizado posteriormente com os estudantes na sala de aula? Esta resposta depende muito de como o(a) acadêmico(a) aproveita os quatro anos de Curso, se ele/ela se deixa interessar pelos assuntos discutidos, se ele/ela se permite aprender, ouvir e entender um pouco mais sobre educação e, se tudo o que se vivenciou em quatro anos foram proveitosos e despertaram a vontade de querer seguir nesta profissão. Porém, independente da resposta à pergunta anterior espera-se que os futuros professores dediquem-se ao seu trabalho, façam o que é melhor para os estudantes, que se permitam acreditar que não é necessário se dedicar, ser criativo ou estudar, em que, como se percebe no exemplo abaixo,

[...] A professora é levada a acreditar que a experiência das colegas mais antigas lhe fornece um quadro mais seguro sobre como desenvolver seu trabalho. Dessa forma, o controle transforma o trabalho docente num compromisso de responsabilidade individual absoluta, e todos são convocados a uma missão quase-sagrada de educar as novas gerações sem alterar significativamente as relações de poder nas escolas (DALL'IGNA; SILVA; LENZI, 2007, p. 71).

É preciso que os professores mantenham um posicionamento frente a propostas que os desagradam. Sabe-se que, algumas vezes, é difícil expor as idéias que se tem sem ir contra outros professores da escola, mas é preciso expor o que se pensa e tentar mudar, apesar de que ao

[...] professorado, principalmente aquele recém-chegado na escola e na carreira, impõem-se um modelo de ser e de fazer educação, em que são estabelecidos os horizontes possíveis de ação e de intervenção docente, geralmente suturado pela força da tradição e da burocracia escolar, institucional, estatal, tornando a educação àquilo que ela é hoje; tornando o

professorado rapidamente normalizado (DALL'IGNA; SILVA; LENZI, 2007, p. 67).

Mesmo conhecendo esta realidade é necessário que os professores se façam agentes de transformação nas escolas. A mudança não acontecerá de um dia para o outro, mas aos poucos, na medida em que se vá considerando importante tudo o que contribuir para uma melhoria no ensino.

Considerações Finais

A investigação aqui relatada e discutida foi um processo de reflexão sobre o trabalho dos professores e a escolha da profissão a partir dos discursos de acadêmicos do 8º semestre de uma Universidade Federal do interior do Rio Grande do Sul.

Percebeu-se que, no discurso dos acadêmicos(as), havia muitas dúvidas referente ao seu trabalho, ao trabalho dos professores, ao ser professor. Apareceu nos discursos que o trabalho dos professores era: ser mãe, tia, amiga; mediar a aula; cuidar e educar; construir conhecimentos, conceitos e atitudes; fazer com que os estudantes pensem; aprender e ensinar. Ou seja, discutiu-se neste artigo a mistura e distinção de conceitos sobre o trabalho dos professores do ponto de vista de alguns autores e dos acadêmicos do Curso de Pedagogia que participaram desta investigação, questionando alguns discursos, deixando algumas perguntas para que o próprio leitor pudesse responder ou refletir sobre o que se propôs discutir.

Além disso, se percebeu que muitos acadêmicos não queriam fazer o Curso de Pedagogia inicialmente, o que causava mais estranhamento, dúvidas e inseguranças frente ao ser professor e ao trabalho dos professores, já que muitos haviam sido influenciados ou resolvido cursar Pedagogia apenas por não ter sido aprovado no vestibular para o curso que realmente queriam. Deste modo, tornou-se interessante pensar que, provavelmente, este início no curso sem motivação própria se refletiu no estágio e se refletirá na vida profissional de muitos acadêmicos como

professores. Porém, é necessário destacar que muitos que inicialmente não gostavam do curso se realizaram como professores e descobriram-se na profissão que realmente queriam seguir.

Destaca-se ainda, que diferentemente de alguns cursos que não exigem que o estudante goste e se dedique completamente à profissão, o Curso de Pedagogia, ou melhor, o ser professor, exige que se assuma a profissão, se entregando a ela e fazendo com que sua vida esteja interligada a ela. Quando um professor não planeja sua aula e faz as atividades sem pensar em objetivos a serem alcançados e em conhecimentos a serem produzidos perceber-se-á o reflexo desta atitude no aprendizado dos estudantes. Afinal, se sabe que [Se em outras profissões é possível assumir uma postura do tanto faz, em educação aquilo que fazemos ou deixamos de fazer NÃO tanto faz. Isto é, fazendo ou deixando de fazer, interfere, determina, (des)constrói, ajuda ou prejudica. [...]] (DALL'IGNA; SILVA; LENZI, 2007, p. 82-83).

Justamente por isso é interessante repensar a trajetória dos acadêmicos do Curso de Pedagogia, já que são eles que farão a diferença, que determinarão, construirão ou desconstruirão, ajudarão ou prejudicarão inúmeros estudantes que passarão pelas salas de aula em que estes estarão trabalhando. Portanto, espera-se que, após o trabalho realizado, se tenha uma maior compreensão da importância da escolha da profissão no trabalho dos professores, suas consequências e efeitos sobre o aprendizado dos estudantes e sobre a qualidade da aula, avaliando se a produção do conhecimento acontecerá ou não.

BRUNA PEREIRA ALVES

Graduação em Pedagogia - Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Santa Maria (2009). Integrante do grupo KAIRÓS - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre trabalho, políticas públicas e educação. Pesquisa e realiza estudos na área de Educação, com ênfase em Trabalho e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: curso de Pedagogia, trabalho, professores, projeto pedagógico e escola.

LILIANA SOARES FERREIRA

Licenciada em PEDAGOGIA (1985), pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, licenciada em LETRAS (1992), pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, ESPECIALIZAÇÃO EM

LITERATURAS EM LÍNGUA PORTUGUESA (1988), pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, MESTRE EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS (1999), pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e DOUTORA EM EDUCAÇÃO (2006), pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente, é professora, classe professor-adjunto, do Departamento de Fundamentos da Educação, do Centro de Educação, na Universidade Federal de Santa Maria - RS, atuando na graduação, especialização e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Pesquisa e realiza estudos na área de Educação, com ênfase em trabalho, políticas públicas e escola, atuando principalmente nos seguintes temas: políticas públicas, trabalho, emprego/desemprego, memórias e historicidades, relações de gênero, gestão educacional e escolar, educação profissional, pesquisa em educação.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BECKER, Fernando. O que é Constitutivismo? **Série Idéias**. n. 20. São Paulo: FDE, 1994. p. 87-93. Disponível em:
<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p087-093_c.pdf>. Acesso em 08 mai. 2009.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8ª ed. São paulo: Cortez, 2006.

DALL'IGNA, M.A.; SILVA, J. R. da; LENZI, C. S. (org.). **Profissão professor: as maneiras de ser nas maneiras de ensinar**. Pelotas: Ed. E Gráfica Universitária da UFPel, 2007.

FERREIRA, Liliana Soares. Educação, paradigmas e tendências: por uma prática educativa alicerçada na reflexão. In: **OEI- Revista Iberoamericana de Educación**. Três de Maio, RS: SETREM 2007. Disponível em:
<<http://www.rioei.org/deloslectores/417Soares.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2008.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. São Paulo-SP: Olho d'água, 1997.

NOGARO, Arnaldo. **Teorias e Saberes Docentes**: a formação de professores na Escola Normal e no Curso de Pedagogia. Erechim: EdiFAPES, 2002.

PAPI, Simara de Oliveira Gomes. **Professores**: formação e profissionalização. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos)

SZYMANSKI, H. (org.); ALMEIDA, L. R. de; PRANDINI, R. C. A. R. **A entrevista na pesquisa em educação**: a prática reflexiva. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.